



SAMPAIO DA NÓVOA ARRASA MODELO EDUCATIVO EM SEMINÁRIO PROMOVIDO PELO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO MINHO

Sistema de ensino está obsoleto e modelo de docência já não serve

O modelo de ensino português está «totalmente desajustado» da realidade. O país continua a construir escolas e a contratar professores para alunos que não tem.

© JOAQUIM MARTINS FERNANDES

A intervenção arrasadora que o ex-reitor e atual docente da Universidade de Lisboa protagonizou ontem na Universidade do Minho foi sintetizada de forma clara pelo investigador Manuel Sarmento, do Instituto de Educação. «Temos um sistema de ensino do século XIX, ministrado por professores do século XX e frequentado por alunos do século XXI». António Sampaio da Nóvoa defendeu que o atual modelo de ensino continua a replicar teses lançadas em 1948 e que têm sido centradas no crescimento do número de alunos, sob a capa da democratização do ensino. «Continua-se a construir escolas e a contratar professores como se



Sampaio da Nóvoa protagonizou a primeira reflexão do debate sobre os 30 anos da Lei de Bases do Sistema Educativo

o número de alunos continuasse a crescer», disse o também candidato do PS às últimas eleições presidenciais. A realidade dos números exibidos pelo professor universitário não podia ser mais clara. O pico de estudantes foi atingido em 1996, com o país a contar 2,2 milhões de alunos. Desde então, houve foi um "balanceamento", com o ensino secundário e o superior a registarem subidas, por força da pas-

sagem dos estudantes do básico. Mas nesse processo, o «aumento do número de professores é bem mais significativo que o número de estudantes», venceu Sampaio da Nóvoa, considerando que é errada «a ideia de que é preciso expandir o sistema de ensino».

Novo modelo passa por ciclos etários

O especialista em educação avisa que a realidade nacional «já é outra».

E acrescenta que o modelo vigente para a formação, contratação e avaliação dos professores «já não serve, desde 2006», ano em que se inicia «uma descida progressiva do número de alunos».

O docente universitário defende que o país deve adotar um modelo educativo que agrupe os alunos em três ciclos etários: o primeiro ciclo dos zero aos 6 anos de idade; o

segundo ciclo dos 6 aos 12 anos; e o terceiro ciclo dos 12 aos 18 anos, que faça uma eventual divisão entre «secundário inferior» e secundário superior». Sampaio da Nóvoa revelou simpatia pela formação «monodocente», mas não escondeu que «a organização do trabalho docente é o maior problema» do sistema de ensino que defende para o século XXI.

DESTAQUE

Excesso de burocracia e exclusividade na uniformização. São dois dos vários pecados capitais apontados ao atual modelo educativo por António Sampaio da Nóvoa. O ex-reitor da Universidade de Lisboa culpa a criação dos agrupamentos pela «falta de identidade das escolas» e acrescenta que «a grande falta de autonomia» está a gerar «uma falta enorme de participação dos professores» e da generalidade dos agentes educativos. «Gostaria que em 2026 houvesse muito maior



diversificação do nosso sistema de ensino e uma cooperação muito maior no plano das políticas locais», disse Nóvoa, que "sonha" com pedagogias e escolas diferenciadas.

Pedagogia deve substituir modelo «desenvolvimentista»

As lutas que têm oposto a classe docente aos responsáveis políticos pelo setor da Educação criam obstáculos à definição de «novas soluções que façam evoluir o sistema de ensino», mas «a incerteza quanto ao futuro» impõe que se abra «um novo ciclo» que projete o sistema de ensino «para além da visão desenvolvimentista».

«Este é o desafio mais urgente, porque não sabemos como será o futuro

nos próximos 5, 10, 15 ou 20 anos», avisou António Sampaio da Nóvoa. O investigador acredita que o novo modelo passa pela combinação da «pedagogia da vida» com a «pedagogia do trabalho», que se apresenta como «o desafio mais difícil da educação que defende para os próximos 10 anos. Nóvoa vai mais longe e propõe que a «cooperação deve substituir a competitividade», até porque é chegada a hora de as escolas terem «identidade própria» e promoverem modelos educativos diferenciados.